

LIÇÃO 8 - Nenhuma Ciência do Ser Acidental

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 8: 1064b 15-1065b 4

“ 963. Uma vez que o termo ser em seu sentido absoluto tem muitos significados, e um deles é o acidental, é necessário primeiro considerar este sentido de ser.

964. Ora, é evidente que nenhuma das ciências tradicionais se ocupa do acidental. A ciência da construção não considera o que acontecerá aos ocupantes de uma casa, por exemplo, se eles habitarão lá infelizmente ou de maneira oposta; nem a arte da tecelagem ou da sapataria ou da culinária se ocupa disso. Mas cada uma dessas ciências considera apenas o que é próprio a ela mesma, e este é o seu fim particular.

965. Além disso, nenhuma ciência considera um homem na medida em que ele é músico ou também gramático; nem qualquer ciência considera o sofisma de que “quando alguém que é músico se tornou gramático, ele será ambos ao mesmo tempo, embora não o fosse antes; mas aquilo que é e nem sempre foi, deve ter vindo a ser; e, portanto, ele deve ter se tornado ao mesmo tempo tanto músico quanto gramático”. Nenhuma das ciências conhecidas se ocupa disso, exceto a sofística, e assim Platão não errou ao dizer que a sofística se ocupa do não-ser.

966. Que é impossível ter uma ciência do acidental será evidente para aqueles que tentam aprender o que é o acidental. Assim, dizemos de todas as coisas que algumas são sempre e de necessidade (necessidade não no sentido do que é feito pela força, mas com o significado usado em questões de demonstração); outras são na maioria das vezes; e outras não são nem na maioria das vezes nem sempre e de necessidade, mas são tais que ocorrem por acaso. Por exemplo, pode fazer frio durante a canícula, mas isso ocorre nem sempre e de necessidade nem na maioria das vezes, embora possa acontecer algumas vezes. Daí que o acidental é o que ocorre, mas nem sempre e de necessidade nem na maioria das vezes. O que é o acidental, então, foi declarado; e é evidente que não há ciência dele. Pois toda ciência lida com o que é sempre ou na maioria das vezes, mas o acidental não pertence a nenhum desses.

967. É também evidente que não há causas e princípios do ser accidental como há do ser essencial; pois se houvesse, tudo seria de necessidade. Pois se uma coisa existe quando outra existe, e esta novamente quando algo mais existe, e se esta última coisa não é uma questão de acaso, mas existe de necessidade, então aquilo de que ela era a causa também existirá de necessidade, e assim por diante até a última coisa dita ser causada. Mas esta foi suposta como accidental. Portanto, tudo será de necessidade, e a possibilidade de algo acontecer por acaso ou ser contingente e de vir a ser ou não vir a ser será inteiramente removida da esfera das coisas que são geradas. E se a causa for suposta não existir, mas ser algo que está vindo a ser, os mesmos resultados se seguirão; pois tudo virá a ser de necessidade. Pois o eclipse de amanhã ocorrerá se algo mais ocorrer, e isso novamente se alguma outra coisa ocorrer, e esta última se ainda outra coisa ocorrer. E se o tempo é subtraído dessa maneira do tempo limitado entre o presente e amanhã, chegaremos em algum ponto a algo que existe agora. Portanto, uma vez que isso existe, tudo o que vem depois disso ocorrerá de necessidade, de modo que tudo ocorrerá de necessidade.

968. Quanto ao ser no sentido do verdadeiro e ao ser accidental, o primeiro depende da combinação que a mente faz e é uma modificação dela. É por essa razão que não se buscam os princípios desse tipo de ser, mas sim daquele que existe fora da mente e é separável; e o último tipo de ser não é necessário, mas indeterminado (e com isso me refiro ao accidental); e as causas desse tipo de ser são indeterminadas e desordenadas (543-59).

969. E aquilo em vista de que algo existe encontra-se tanto nas coisas que vêm a ser por natureza quanto naquelas que são resultado da mente. É sorte quando uma dessas ocorre accidentalmente; pois assim como um ser é essencial ou accidental, também o é uma causa. E a sorte é uma causa accidental daquelas coisas que vêm a ser para algum fim como resultado de uma escolha.

970. E por essa razão tanto a sorte quanto a mente concernem à mesma coisa; pois não há escolha sem mente.

971. No entanto, as causas a partir das quais algum resultado de sorte vem a ser são indeterminadas; e por essa razão a sorte é incerta para o conhecimento humano e é uma causa accidental, embora em sentido absoluto não seja causa de nada.

972. Há boa ou má sorte quando o resultado é bom ou mau, e prosperidade ou infortúnio quando isso ocorre em grande escala.

973. E como nada accidental é anterior às coisas essenciais, também as causas accidentais não são anteriores. Portanto, se a sorte ou o acaso é a causa dos céus, a mente e a natureza são causas anteriores.

COMENTÁRIO

2268. Após ter reafirmado de forma resumida os pontos que foram discutidos anteriormente sobre o campo de estudo desta ciência, aqui o Filósofo começa a resumir as coisas que foram ditas sobre o ser imperfeito tanto no Livro VI (543-559:C 1171-1244) desta obra quanto na *Física*. Ele faz isso, primeiro (963:C 2268), em relação ao ser accidental; e segundo (974:C 2289), em relação ao movimento (“Uma coisa”).

Ao tratar do primeiro membro desta divisão, ele faz duas coisas. Primeiro, expõe as coisas que foram ditas sobre o ser accidental. Segundo (969:C 2284), expõe aquelas que pertencem a uma causa accidental (“E aquilo em vista de”).

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (963), indica o que pretende fazer. Diz que, uma vez que “o ser em seu sentido absoluto”, isto é, tomado em geral, tem muitos significados, dos quais um é o accidental (como quando dizemos, por exemplo, que o músico é branco), e esses foram explicados acima no Livro V (435-39:C 885-97), devemos considerar o ser accidental antes de tratarmos do ser essencial, para que, quando esse tipo de ser for descartado, possamos falar de maneira mais positiva sobre o ser essencial.

2269. Ora, é evidente (964).

Segundo, ele prossegue para executar seu plano; e em relação a isso faz duas coisas. Primeiro (964:C 2269), mostra que a consideração do ser accidental não pertence a nenhuma ciência. Segundo (968:C 2283), exclui tanto esse tipo de ser quanto o ser que significa a verdade de uma proposição do campo de estudo desta ciência (“Quanto ao ser”).

Ao tratar do primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que nenhuma ciência considera o ser accidental; e segundo (966:C 2276), que nenhuma pode fazê-lo (“Que é impossível”).

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (964), mostra por um processo de eliminação que nenhuma ciência considera o ser accidental. Diz que nenhuma das ciências tratadas por nós se ocupa do accidental.

2270. Ora, accidental aqui não significa algo em uma das categorias de acidentes, no sentido de que a brancura é um acidente; pois há muitas ciências que tratam de acidentes desse tipo, porque tais acidentes têm uma espécie própria e causas determinadas em seu sujeito. E são chamados acidentes porque não têm ser por si mesmos, mas existem em outra coisa. — Mas aqui accidental significa o que acontece acidentalmente; por exemplo, é accidental que um músico seja branco. Pois acidentes desse tipo não têm nenhuma espécie ou causa determinada. E nenhuma ciência se ocupa desse tipo de ser. Ele prova isso por indução.

2271. Pois a arte de construir não considera o que acontece acidentalmente aos ocupantes da casa que constrói, se por acaso experimentam ali alguma infelicidade ou vivem ali “de modo contrário”, isto é, felizmente; pois isso é accidental à casa. Da mesma forma, a arte de tecer não considera o que acontece àqueles que usam o pano que foi tecido; nem a arte de fazer sapatos considera o que acontece àqueles que usam sapatos; nem a arte de cozinhar considera o que acontece ao alimento, por exemplo, se alguém usa demais ou apenas o necessário. Mas cada uma dessas

ciências considera apenas o que lhe é próprio, ou seja, seu sujeito e as propriedades de seu sujeito. Este é o objetivo de qualquer ciência.

2272. Além disso, nenhuma ciência (965).

Em segundo lugar, ele dá a razão pela qual nenhuma ciência considera as coisas que são accidentais. É porque o accidental não é um ente no sentido próprio, mas é antes um não-ente, na medida em que não é essencialmente e propriamente uno; pois uno e ente são conversíveis. Ora, toda ciência trata do ente e, portanto, segue-se que nenhuma ciência se ocupa do accidental.

2273. Por isso ele diz que um músico também é um gramático, mas não enquanto é músico. E se acontece que alguém que é músico se torna gramático, ele se tornou ambos ao mesmo tempo, isto é, tanto gramático quanto músico, embora não o fosse antes. Mas se algum ente existe agora e nem sempre foi um ente, ele deve ter vindo a ser. Portanto, se "músico-gramático" é um tipo de ente, como nem sempre existiu, deve ter se tornado ambos ao mesmo tempo, i.e., tanto músico quanto gramático, porque qualquer ente admite alguma geração. Logo, como estes não vieram a ser ao mesmo tempo, é evidente que este todo — um músico-gramático — não é um ente uno.

2274. Nem se deve objetar que a matéria, que é ingerada, tem existência anterior à geração das substâncias; pois não é a forma que propriamente vem a ser, mas o composto, como foi provado no Livro VII (611:C 1423). Ora, a matéria não tem existência anterior como ente atual, mas apenas como potencial. Mas aqui o músico tem existência atual anterior. Portanto, como aquele que era músico se tornou gramático, apenas um gramático veio a ser, e não o todo — um gramático-músico. Logo, este todo não é um ente uno.

2275. Por esta razão, nenhuma ciência que seja verdadeiramente ciência e atinja a certeza se ocupa do ente accidental. Apenas a sofística lida com ele; e ela usa o accidental como se fosse algo por si mesmo para enganar. Daí surge a falácia do acidente, que é muito eficaz em enganar até mesmo os sábios, como é dito no Livro I das *Refutações Sofísticas*. Por isso, Platão não errou ao dizer que a sofística se ocupa do não-ente, porque ela trata do accidental.

2276. Que é impossível (966).

Ele mostra que é impossível a qualquer ciência considerar o ente accidental, e faz isso de duas maneiras. Primeiro, ele parte da definição de ente accidental. Diz que, se considerarmos o que é o ente accidental, ficará evidente que não pode haver ciência dele. Para provar seu ponto, ele faz uma divisão tripartite. Diz que, das coisas que se dizem ser, algumas são sempre e de necessidade (necessidade não no sentido de força, mas no sentido usado nas demonstrações, como quando dizemos que um triângulo tem necessariamente três ângulos iguais a dois retos; pois usamos o termo necessário dessa forma para significar o que não pode ser de outro modo). Outras são na maioria das vezes; por exemplo, um homem nasce com cinco dedos em cada mão. Isso não acontece sempre, pois acontece que alguns nascem com seis dedos, mas acontece na maioria das vezes. E outras não são nem sempre e de necessidade nem na maioria das vezes, mas são tais que ocorrem por acaso; por exemplo, "pode fazer frio durante os dias caniculares", i.e., durante os dias da estrela-dog. Isso não ocorre nem sempre e de necessidade nem na maioria das vezes, embora esse tipo de ente também ocorra às vezes. Mas como acontece raramente, e não sempre e de

necessidade ou na maioria das vezes, é chamado de ente accidental.

2277. Pois as coisas que ocorrem sempre ou na maioria das vezes são tais que uma é a causa da outra ou ambas são referidas a uma causa que é a causa própria de cada uma. E elas ocorrem de ambas as maneiras. Se uma causa produz seu efeito sem falha, o efeito será aquele que se diz ser de necessidade. Mas se uma causa pode falhar devido a algum obstáculo, o efeito será aquele que ocorre na maioria das vezes.

2278. Mas se acontece, no caso de duas coisas, que uma não é a causa da outra e não há uma causa comum própria única que as ligue, elas raramente serão combinadas. Tal é o caso, por exemplo, quando dizemos "o músico constrói"; pois a causa de construir não é a arte da música, mas a da construção, que difere completamente da arte da música. O mesmo é verdadeiro para o exemplo anterior; pois o calor excessivo durante os dias caniculares é resultado do sol se mover para mais perto da terra; mas que deva fazer frio nessa época é resultado de alguma outra causa, como Saturno estar de alguma forma conectado ao sol. Portanto, se faz frio durante os dias caniculares, que são causados pelo sol, isso é accidental.

2279. É evidente, então, que o accidental é o que ocorre nem sempre nem na maioria das vezes. Mas toda ciência se ocupa do que ocorre sempre ou na maioria das vezes, como foi provado no Livro I dos *Segundos Analíticos*. Assim, fica claro que não pode haver ciência do accidental.

2280. Também é evidente (967).

Em segundo lugar, para fazer o mesmo ponto, ele diz que o ente accidental não tem causas e princípios como o ente essencial tem; e, portanto, não pode haver ciência dele, já que toda ciência se ocupa de princípios e causas. Ele prova isso da seguinte forma: se o ente accidental tivesse causas próprias, tudo aconteceria por necessidade; pois os entes essenciais têm uma causa tal que, quando colocada, o efeito segue necessariamente. E se houvesse alguma causa da qual um efeito não seguisse necessariamente mas apenas na maioria das vezes, isso seria resultado de algum obstáculo, que pode ser accidental. Se, então, o ente accidental tivesse uma causa própria necessária, de modo que, quando essa causa é colocada, seu efeito segue necessariamente (embora talvez não seja necessário colocá-la), o resultado seria que tudo acontece por necessidade. Ele prova isso da seguinte forma.

2281. Suponhamos que algo passado ou presente seja a causa de um efeito futuro, e que essa causa já tenha sido colocada. Mas quando a causa é colocada, como você diz, o efeito segue necessariamente. Portanto, se essa coisa passada ou presente que já foi colocada é a causa desse efeito futuro, e este, por sua vez, é a causa de outro, o efeito seguirá não de qualquer maneira, mas necessariamente. Pois uma vez colocada a causa, aquilo cuja causa foi colocada seguirá necessariamente, e assim sucessivamente até o último efeito causado. Mas isso foi suposto ser accidental. Portanto, o que foi suposto como accidental acontecerá por necessidade. Consequentemente, tudo acontecerá por necessidade; e "a possibilidade de algo acontecer por acaso", i.e., qualquer evento fortuito, "ou ser contingente", i.e., ser accidental, "e de vir a ser ou não vir a ser", i.e., a possibilidade de algo ser ou não ser, ou ser gerado ou não ser gerado, será completamente removida do mundo.

2282. Mas porque se pode contrapor a esse argumento dizendo que a causa de eventos futuros contingentes ainda não foi colocada como presente ou passada, mas ainda é contingente e futura, e que, por essa razão, seus efeitos ainda são contingentes, ele então descarta essa objeção ("E se a causa"). Ele aponta que a mesma conclusão irracional se segue se se sustenta que a causa de eventos futuros contingentes não é algo que já existe no presente ou no passado, mas é algo que está vindo a ser e é futuro, porque se seguirá que tudo acontece por necessidade, como foi dito antes. Pois se essa causa é futura, ela deve acontecer em algum tempo definido, amanhã, por exemplo, e deve ser bastante distinta do presente. Portanto, se um eclipse, que é a causa própria de certos eventos futuros, ocorrerá amanhã, e tudo o que ocorre é resultado de alguma causa, o eclipse de amanhã deve ocorrer "se algo mais o fizer", i.e., por causa de algo que existiu antes, e este, por sua vez, por causa de algo outro. Assim, ao sempre antecipar ou subtrair causas, alguma parte do tempo entre o momento presente e o eclipse futuro será removida. E como esse tempo é limitado, e todo limitado se esgota quando alguma parte é removida, chegaremos, portanto, em algum ponto, a alguma causa que existe agora. Logo, se essa causa já está posta, todos os efeitos futuros seguirão por necessidade; e assim tudo ocorrerá por necessidade. Mas como isso é impossível, é, portanto, evidente que as coisas que são acidentais não têm causa determinada da qual sigam necessariamente uma vez colocada. Tudo o que pode ser dito sobre isso foi dado no Livro VI (543-552:C 1171-90).

2283. Sobre o ente (968).

Em seguida, ele mostra que o ente accidental e o ente que significa a verdade de uma proposição devem ser omitidos desta ciência. Ele diz que há um tipo de ente, "o ente no sentido do que é verdadeiro", ou o ente como significando a verdade de uma proposição, e consiste na combinação; e há o ente accidental. O primeiro consiste na combinação que o intelecto faz e é uma modificação na operação do intelecto. Portanto, os princípios desse tipo de ente não são investigados na ciência que considera o tipo de ente que existe fora da mente e é separável, como foi dito. O segundo, isto é, o ente accidental, não é necessário, mas indeterminado. Portanto, não tem uma causa relacionada, mas uma infinidade de causas que não estão relacionadas entre si. Assim, esta ciência não considera tal ente.

2284. E o fim pelo qual (969).

Aqui ele resume as coisas que foram ditas sobre a causa accidental, ou sorte, no Livro II da *Física*. Há quatro pontos. Primeiro, ele afirma o que ela é; e com o objetivo de investigar isso, ele antecede suas observações com a afirmação: "E o fim pelo qual", isto é, o que existe para algum fim, encontra-se tanto nas coisas que existem por natureza quanto naquelas que são resultado da mente. Isso é evidente no Livro II da *Física*. Ele acrescenta que a sorte se encontra nas coisas que ocorrem para algum fim, mas que ela é accidental. Pois, assim como encontramos tanto o ente essencial quanto o ente accidental, também encontramos causas essenciais e causas accidentais. A sorte, então, é uma causa accidental "daquelas coisas que vêm a ser para algum fim", isto é, algum objetivo, não por natureza, mas por escolha. Por exemplo, quando alguém escolhe cavar um campo para plantar uma árvore e, com isso, descobre um tesouro, dizemos que isso é accidental porque não foi intencional. E isso acontece por sorte.

2285. E por essa razão (970).

Em segundo lugar, ele mostra em que casos a sorte existe. Ele diz que, uma vez que a escolha só existe onde há mente ou pensamento, a sorte e o pensamento devem tratar da mesma coisa. Portanto, a sorte não se encontra nas coisas que carecem de razão, como plantas, pedras e animais brutos, ou em crianças que não têm uso da razão.

2286. No entanto, as causas (971).

Em terceiro lugar, ele mostra que a sorte é incerta. Ele diz que há uma infinidade de causas pelas quais algo pode acontecer por sorte, como é evidente nos exemplos dados; pois alguém pode encontrar um tesouro cavando a terra para plantar algo, ou para fazer um túmulo, ou por uma infinidade de outras razões. E como tudo o que é infinito é desconhecido, a sorte é, portanto, incerta para o conhecimento humano. E ela é chamada de causa accidental, embora, absoluta e em si mesma, não seja causa de nada.

2287. Há boa (972).

Em quarto lugar, ele explica por que a sorte é dita ser boa ou má. Ele observa que a sorte é dita ser boa ou má porque o resultado accidental é bom ou mau. E se o resultado accidental é um grande bem, é então chamado prosperidade; e se um grande mal, é então chamado infortúnio.

2288. E uma vez que nada (973).

Em quinto lugar, ele mostra que a sorte não é a causa primária das coisas; pois nada que é accidental é anterior às coisas que são essenciais. Portanto, uma causa accidental não é anterior a uma causa própria. Assim, se a sorte e o acaso, que são causas accidentais, são as causas dos céus, a mente e a natureza, que são causas próprias, devem ser causas anteriores.

Revision #2

Created 19 September 2026 00:26:37 by Admin

Updated 19 September 2026 00:35:12 by Admin